

## O PAPEL DO PROFESSOR NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM AUTISMO

### THE ROLE OF A TEACHER INCLUDING STUDENTS WITH AUTISM

#### RESUMO

O interesse fundamental deste estudo é considerar o papel dos professores na inclusão de alunos com autismo, levando em consideração a relação professor-aluno que é essencial para a concretização do processo de inclusão. O objetivo deste artigo é analisar a importância dos professores envolverem os alunos com autismo no processo de construção e desenvolvimento do conhecimento e desmistificar os mitos associados ao autismo. Foi realizado um estudo bibliográfico levando em consideração as contribuições de autores como Órru (2003), Mello (2004), Galdino (2011), Melo, Lira e Facion (2008) e Lopez (2011). Portanto, este artigo aborda a seguinte questão: Qual o papel dos professores quando se trata da inclusão de alunos autistas nas escolas? Com base nesta questão, este artigo aborda as seguintes questões: O objetivo deste estudo é analisar o papel dos professores na integração dos estudantes nas redes educativas regulares. De modo geral, os resultados sugerem que os professores precisam ser capacitados para a inclusão escolar. Nesse caso, isso significa implementar métodos de ensino diferenciados voltados ao atendimento de alunos com autismo. Esta informação também enfatizou a importância de construir boas relações entre professores e alunos com autismo para garantir a retenção da aprendizagem. Portanto, a relação e o papel dos professores e dos alunos com deficiência, especialmente o autismo, podem ser fundamentais para uma inclusão bem-sucedida nas escolas.

**Palavras-chave:** Professor; Estudante; Inclusão; Autismo.

#### ABSTRACT

The fundamental interest of this study is to consider the role of teachers in the inclusion of students with autism, taking into account the teacher-student relationship, which is essential for the implementation of the inclusion process. The objective of this article is to analyze the importance of teachers involving students with autism in the process of building and developing knowledge and demystifying the myths associated with autism. A bibliographic study was carried out taking into account the contributions of authors such as Órru (2003), Mello (2004), Galdino (2011), Melo, Lira and Facion (2008) and Lopez (2011). Therefore, this article addresses the following question: What is the role of teachers when it comes to the inclusion of autistic students in schools? Based on this question, this article addresses the following questions: The objective of this study is to analyze the role of teachers in the integration of students into regular educational networks. In general, the results suggest that teachers need to be trained for school inclusion. In this case, this means implementing differentiated teaching methods aimed at serving students with autism. This information also emphasized the importance of building good relationships between teachers and students with autism to ensure learning retention. Therefore, the relationship and role of teachers and students with disabilities, especially autism, can be fundamental to successful inclusion in schools.

**Keywords:** Teacher; Student; Inclusion; Autism.

**Milene Matos de  
Santana**

Universidad  
Interamericana  
milennemms2012@gmail.com  
OrciD: 0009-0001-3822-7222

**Ricardo Santos de  
Almeida**

Universidad  
Interamericana  
ricardosantosal@gmail.com  
OrciD: 0000-0003-1266-2557

## Introdução

A busca pela igualdade de educação é um tema recorrente no panorama educacional atual, particularmente no que diz respeito à inclusão de crianças com deficiência nas escolas regulares. Apesar do amplo debate sobre este tema, ainda existem muitas limitações relativamente à prática da inclusão e ao papel dos professores na abordagem dos desafios que surgem no ensino de crianças com deficiência.

Ao discutir a inclusão de crianças autistas nas escolas regulares, devemos pensar também nos professores. Porque os professores devem ser capazes de comparar, contrastar e até mesmo acomodar alunos com deficiência de forma significativa, sem excluí-los. Com base nisso, este artigo levanta as seguintes questões:

Qual o papel do professor diante à inclusão escolar de crianças com autismo?

Nas iniciativas atuais, os professores são considerados facilitadores no processo de inclusão, com a responsabilidade de facilitar o primeiro contacto das crianças com a turma e envolvê-las nas atividades de toda a turma. Considerando esta questão, este artigo tem como objetivo analisar o papel dos professores na integração de crianças com autismo nas redes educativas regulares.

São diversas as contribuições para o referencial teórico do estudo. Investigadores que têm colaborado em pesquisas relacionadas com os temas que apresentamos. Por exemplo, Órru (2003), Mello (2004), Galdino (2011), Melo, Lira e Fación (2008), López (2011).

Este é um estudo bibliográfico, primeiro relatando algumas considerações históricas sobre o autismo e focando em suas origens com base nos trabalhos de Leo Kanner e Hans Asperger e nos primeiros sinais de relatos sobre autismo. Além disso, com base em estudos realizados por cientistas com pessoas autistas, levando em consideração aspectos biológicos e ambientais, também questões importantes sobre o que causa esse transtorno nas crianças além de retomar algumas ideias considerando a inclusão de crianças com autismo nas escolas regulares e reiterando que embora a inclusão de crianças com deficiência seja apoiada por lei, isto por si só não é suficiente para permitir a inclusão.

Em seguida, explicar o papel do professor e destacar seu papel como facilitador da aprendizagem, fundamental para a inclusão de crianças com autismo. Esta discussão final centra-se no papel dos professores em relação à inclusão. A inclusão é fundamental e

contribui efetivamente tanto para o desenvolvimento quanto para a aprendizagem. Porém, apesar da sua importância, os investimentos em educação que elucidem os diversos fatores inter-relacionados nem sempre são apreciados ou incentivados.

## Origem e contexto sobre o Autismo

Em 1906, o termo autismo foi inventado e usado pela primeira vez na literatura psiquiátrica. No entanto, em 1912, Eugène Bleuler usou o termo para descrever os sintomas da esquizofrenia, descrevendo os sintomas como uma "fuga da realidade" em que uma criança parece optar por não interagir com outras pessoas. Não foi reconhecido até que eu o definisse. Depois de algum tempo, a palavra foi utilizada por dois psiquiatras, Leo Kanner e Hans Asperger, para nomear os sintomas diagnosticados em seus pacientes. No entanto, como estes pacientes apresentam apenas um dos sintomas do autismo, e os sintomas variam de paciente para paciente e podem ser mais ou menos graves, os pacientes podem não apresentar sinais de retardo mental.

Praça (2011, p.25) ressalta que a criança com autismo:

[...] "permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele."

Com base nos aspectos históricos do autismo, Klin (2007) apresenta 11 casos do que Leo Kanner denominou transtorno autista de contato emocional em 1943, e esses casos são caracterizados por "pessoas e relacionamentos" não conseguiram funcionar normalmente desde o início da vida. Os autores disseram que também observaram reações anormais ao ambiente, incluindo maneirismos, impulsos estereotipados, resistência à mudança e preocupação com a monotonia. Dr. Kanner analisou um estudo realizado com essas 11 crianças diagnosticadas com esquizofrenia e destacou o autismo como a característica mais proeminente, com a característica aparecendo antes dos três anos de idade. Eles até confirmaram que o autismo é congênito, pois aparece em etapas.

No entanto, quanto mais interagi com pacientes e pais através da minha pesquisa, mais percebi que as relações emocionais frias que os pais mantêm com os filhos podem levar a um comportamento hostil que se desenvolve inconscientemente entre os filhos. Os postulados de Kanner influenciaram muito o sistema da síndrome psicanalítica, que aponta causas emocionais ou psicológicas para explicar como o autismo se desenvolve, cujos principais antecessores foram os psicanalistas Bruno Bettelheim e Francis Tustin.

Bettelheim especulou que o fracasso materno pode ser a causa do desenvolvimento do autismo, enquanto Tustin argumentou que existe uma fase autista de desenvolvimento normal em que o amor materno atua como uma ponte entre a fase de desenvolvimento da criança e a vida social. Se a mãe negar o amor do bebê e agir com frieza, a criança não consegue escapar dessa fase e fica presa na fase do autismo. Na década de 1960, o autismo era considerado um distúrbio biológico que afetava o sistema nervoso, supostamente causado pelo desenvolvimento prejudicado de células do sistema límbico do cérebro.

O autismo é conhecido por ter muitas etiologias abrangendo um amplo espectro de gravidade. [...]. Foi estabelecido que o autismo é apenas um entre uma série de distúrbios (multidimensionais) do desenvolvimento cerebral que afetam o comportamento humano complexo (RAPIN; TUCHMAN, 2009, p. 20-22).

Após uma longa jornada de descobertas, o autismo é classificado como um defeito neurobiológico que ocorre em crianças e interfere no seu desenvolvimento cognitivo. É também considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TID), que apresenta claramente quatro aspectos: déficits qualitativos na interação social, dificuldades de comunicação, protótipos comportamentais estereotipados e um conjunto restrito de interesses e atividades. Mello (2004) distingue três dificuldades que refletem sintomas comuns decorrentes do autismo:

Dificuldade de comunicação - caracterizada pela dificuldade em utilizar sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal.

Dificuldade de sociabilização - este é o ponto crucial no autismo e o mais fácil de gerar falsas interpretações.

Dificuldade no uso da imaginação - se caracteriza por rigidez e inflexibilidade e se estende às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança. Exemplo: comportamentos obsessivos e ritualísticos.”

Mello (2004, p. 114-115)

Segundo Ferreira; perigo; Wagner (2008) afirmou que, além dos principais sintomas mencionados acima, as crianças com autismo muitas vezes apresentam graves dificuldades comportamentais, como automutilação e agressão em resposta às demandas ambientais, além de sensibilidade anormal à estimulação sensorial.

Galdino (2011) argumenta que o autismo, ao contrário de muitas outras doenças ou distúrbios, cria muitas complexidades porque pouco se sabe sobre as suas causas. Você só será testado para sintomas e sinais mínimos que aparecem ao longo do tempo. Ainda não há clareza total sobre o autismo e muitos cientistas e cientistas ao redor do mundo estão tentando descobrir esses fatores que causam o autismo.

O autismo resulta de uma combinação de fatores biológicos e ambientais, e o processo começa com uma combinação de diferentes genes, que são ativados dependendo do ambiente em que o indivíduo se encontra no momento do nascimento.

## A Inclusão de estudantes com Autismo

No entanto, muitos professores e dirigentes escolares ainda discordam que não estão preparados para implementar o consenso de que a participação das pessoas com deficiência é um direito inalienável. Mesmo os professores que afirmam apoiar a inclusão de pessoas com deficiência admitem a exclusão, alegando que não têm a “preparação necessária”.

O website externo da Declaração de Salamanca de 1994 enfatizou quase exageradamente que “a educação para todos é essencial”. Requisitos, restrições e exceções dependem da lógica de integração. Todos têm o direito à educação. E por “todos” quero dizer todos. Tão fácil. E não se trata apenas de publicidade. A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ratificada por uma emenda à Constituição brasileira em 2008, garante a participação efetiva sem discriminação e oportunidades iguais para os estudantes desenvolverem todo o seu potencial.

Segundo Rodriguez (Rodriguez, 2006), a exclusão pode ser causada por fatores culturais que levam as pessoas a acreditar que as diferenças são perigosas. Exigem-se cuidados para pessoas com diversas identidades sexuais, identidades socioeconômicas, deficiências raciais e muito mais.

Os pressupostos da sociedade sobre a diferença conduzem à exclusão, à marginalização e à expulsão, o que leva à necessidade de identificar e criar programas de combate à exclusão e, portanto, ao conceito oposto.

Klein (Klein, 2010) observa que a palavra “inclusão” tem sido usada como palavra de ordem na educação para se referir a práticas que procuram ser mais justas, democráticas e solidárias com os outros. Os atos de inclusão exigem ir além da colocação e tornar os indivíduos parte de um todo para que não sejam categorizados ou excluídos por possuírem comportamentos e características diferentes.

Segundo Melo, Lira e Facion (2008) trata-se de uma aprendizagem que possibilita uma educação inclusiva sobre a diversidade.

[...] impõe a construção de um projeto que não se dará ao acaso nem de uma hora para outra e que não é uma tarefa individual. Ao contrário, trata-se de um trabalho coletivo, que envolve discursões e embates entre diferentes esferas (governo, sociedade, escola e indivíduo) em que seja possível refletir sobre que escola queremos construir e que indivíduos pretendemos formar. (LIRA; FACION 2008, p. 65).

Durante muito tempo, acreditou-se que era possível generalizar as pessoas a partir de um mesmo quadro diagnóstico e, assim, padronizar estratégias terapêuticas e pedagógicas. Hoje já sabemos por experiência que este conceito é fácil de dizer. Mesmo que recebam exatamente a mesma opinião diagnóstica, duas pessoas podem reagir de maneira (muito) diferente à mesma intervenção. Ou seja, a ideia de preparação antecipada nada mais é do que um mito.

Para que a inclusão funcione, os sistemas educativos precisam de construir escolas e formar professores e funcionários, juntamente com o desejo de encontrar mais conhecimentos e melhores estratégias para incluir os alunos, para que possam assimilar a sua singularidade.

Todas as crianças aprendem a conviver, a respeitar-se e, sobretudo, a garantir a mesma qualidade de educação para todos, nas mesmas condições de desenvolvimento.

## O papel do professor na Inclusão de estudantes com autismo

O papel dos professores no acolhimento dos alunos com autismo é fundamental para o desenvolvimento da sua aprendizagem. Alguns professores, mas não a maioria, sentem-se ansiosos devido à falta de formação profissional e de informação sobre o espectro. Portanto, é necessário maior investimento na formação continuada para garantir uma aprendizagem significativa também a esses alunos, preparando-os como professores com maior capacidade de superar suas limitações e enfrentar os desafios que enfrentam em sala de aula. Dessa forma, se os professores estiverem preparados, não ficarão ansiosos com as incógnitas e os desafios que poderão enfrentar durante o processo seletivo.

Partilhar o ensino aos alunos com autismo exige mudanças nas práticas pedagógicas, participação da família e apoio de profissionais especialistas, como psicólogos, fonoaudiólogos, médicos e psicopedagogos são extremamente necessários para o desenrolar da aprendizagem com eficiência.

Eles são, portanto, capazes de desenvolver ainda mais a socialização, a linguagem, a autoestima e a autonomia dos autistas. Porque sem amor e empatia fica difícil construir com seu filho um relacionamento que seja à base do processo de aprendizagem. Ao enfatizar o papel dos professores neste artigo, imaginamos que a sua intervenção intermediária é necessária. Nesse sentido, o professor não atua apenas como vendedor de conhecimento, mas torna-se um guia que estimula o desenvolvimento e a aprendizagem por meio de interações construídas.

Para participação de toda a turma, agindo como mediador.

[...] é processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 1997, p.26).

A inclusão aberta está relacionada ao processo de ensino-aprendizagem e a inclusão por si só não é suficiente. As instituições educativas devem proporcionar uma educação de qualidade, e isso exige que os professores desenvolvam metodologias diversas e flexíveis com estratégias eficazes.

Para receber uma resposta positiva ao seu trabalho, essa inteligência deve estar presente, independente da diversidade encontrada na sua sala de aula. Lopez (2011) relata que o papel do professor é o de mediador. Ele considera uma pessoa que, no processo de aprendizagem, prefere a interpretação dos estímulos ambientais, presta atenção a aspectos importantes, conecta o significado com as informações do pensamento e permite aprender as mesmas regras. Princípios usados na nova aprendizagem para tornar os estímulos ambientais relevantes e significativos para o desenvolvimento.

## Conclusão

Com base na nossa investigação e análise, percebemos que é importante não só matricular as crianças autistas nas escolas regulares, mas também garantir que sejam matriculadas e permaneçam acessíveis. Contudo, tornar as escolas inclusivas não é fácil, mas é possível. Com os profissionais a lutar por este objetivo, os governos, as escolas e as famílias devem formar parcerias que trabalhem em conjunto para proporcionar uma educação de qualidade com as condições e oportunidades certas para o desenvolvimento e a aprendizagem.

Não podemos falar de inclusão sem mencionar o processo de ensino-aprendizagem. Porque o objetivo da inclusão é proporcionar a todos os alunos as mesmas condições de desenvolvimento e aprendizagem.

Através deste trabalho, identificamos o papel dos professores como mediadores da inclusão. Ou seja, os professores abordam e gerenciam os conflitos criando situações e estratégias que facilitam esse processo e entendendo que as diferenças são características de todos os alunos. É mais sobre se você está deficiente ou não.

Entendemos também que a falta de uma formação rigorosa e focada em aspectos inclusivos reflete negativamente nas práticas pedagógicas dos professores, pois os professores devem se comunicar constantemente com novas informações, pesquisas e aprendizagens relacionadas à sua atuação profissional. E também claro que, apesar dos desafios existentes, o processo de matrícula é de fato possível desde que haja empenho e envolvimento dos professores, uma boa preparação pedagógica e apoio escolar e familiar. Isso é importante.

## Referências

1. GALDINO, M. J. **A inclusão educacional de um aluno com autismo em uma escola de ensino fundamental do município de Arapiraca**. Arapiraca 2011.
2. KLIN, A. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbHcsndB9Sf5ph5KBYGD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 09 ago. 2023.
3. LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas: contribuições psicopedagógicas**. 2011. Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED, Brasília, 2011.
4. MELLO, A. M. S. Rosde. **Autismo: Guia Prático**. Ed. 3ª. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE; 2004.
5. MELO, S. C. de.; LIRA, S. M. de.; FACION, J. R.; Políticas inclusivas possíveis implicações no ambiente escolar. In: FACION, J. R (Org.). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibipex, 2008.
6. OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
7. ORRÚ, S. E. **A Formação de Professores e a Educação de Autistas**. Revista Iberoamericana de Educación (Online), Espanha, v. 31, p. 01-15, 2003.
8. PRAÇA, E. T. P. de. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) Universidade Federal de Juiz de Fora .Instituto de ciências exatas. Pós-Graduação em Educação Matemática, Juiz de Fora, 2011. Disponível em:< [www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Dissertação-Elida.pdf](http://www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Dissertação-Elida.pdf) >. Acesso em: 09 agost. 2023.
9. RAPIN, I.; TUCHMAN, R. **Onde estamos: Visão geral e definições**. In: RAPIN, I.; TUCHMAN, R (Org.). **Autismo: abordagem neurobiológica**. São Paulo: Artmed, 2009.
10. RODRIGUEZ, D. (Org.). **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.